

MÚSICA



No álbum de estreia, Berry mistura influências da bossa nova e da literatura francesa

Apaixonada por Corcovado, "a música mais bonita do mundo", Berry canta na Fnac e na Caixa Cultural

Doce balanço

• NATHIA MACIEL

Três perguntas // Berry

Não se enganar com a voz doce de Berry. Por trás da serenidade acolhedora da voz, o estilo de cantora francesa está o palmaraz dura e os ecosos ferozes e descepcionados, perdidos às vezes, anfitriã de Berry e Élie Posner e o mesmo later músico por acaso. O destino ajudou e a idade de 32 anos acabou a o repúdio de um álbum em um novo, e o segundo álbum da música francesa e conquistou o prêmio Disco de Ouro por Madelonoff, primeiro e único disco em prata. São as letras dessa estreia que ela mostra, hoje, em pocket show na Fnac, e amanhã, no Teatro da Caixa.

Berry vive no Brasil com a cidadania da Semana da Francês e está feliz de vida. Há muito ela encontra-se com Gilberto Gil, Caetano Veloso e Sérgio, Prefeito a bossa nova ao samba e, no início do ano, em outra estadia para gravar o segundo álbum em companhia do arranjador e produtor brasileiro Fábio Deodato. "Terme sinto muito próximo da bossa, mas não do samba. Fiz uma música especialmente para as cordas de Deodato, que se chama *l'air da pays*, é uma bossa à francesa. Inspiração de Corcovado, que é música mais bonita do mundo para mim. Por isso, era um descobri o Brasil, nos sentimos muito próximos desse *beding*", conta, por telefone, do estúdio em New York.

O "air" se resume a Berry, Élie Duयोग e o compositor de jazz Manita. É nesse trio que começa a história da bossa. As músicas de Madelonoff foram compostas em uma casa de campo no interior da França. É isso, que na verdade é um sistema de sempre e com uma filha de meses. Para descausar, ela e os amigos e um escritor a começar de bossa musical e gravaram as seis, que foram parar nos mãos da mãe de uma colega de escola da universidade, que trabalhava na Universal Music e levou o CD para o escritório. Daí para as lojas, foi muito rápido.

Berry é um pessoal tímido. Disse o escritor para ser mais a cantora George Sand, autora de textos apaixonados sobre a região francesa do Berry. As letras de Madelonoff foram escritas pela própria cantora. Ela canta, desce a música, o hábito de escrever por si mesma, mas nunca para a sua transformação. Ela não fala de aquele verão em companhia de

Há uma maneira literária e musical de se expressar em suas canções?

Sim, claro, por isso escolhi o texto de Paul Verlaine. O que me inspira na escrita, desde as velhas prosas, seja Baudelaire, Verlaine, Victor Hugo, é que adoro a mistura de palavras. Mesmo Bécine, no teatro, sou como músico. É muito bonito porque são sentimentos fortes, têm ambição de ser literários, mas, ao mesmo tempo, há música nas palavras. Costo muito.

Cantar e compor em francês é difícil?

É duro escrever músicas em francês porque é minha língua musical, por isso ainda cantamos em francês e sei que sou melhor utilizando a sonoridade da língua francesa. Serge Gainsbourg revolucionou a música na França

porque ele sabia jogar com a sonoridade das palavras e nos inspirou, mas do mesmo tempo em português. Na França, somos muito influenciados pela música inglesa e americana, como os Beatles, depois, são palavras que tocam imediatamente, mas o francês tem a ambição de ser mais literário, mais intelectual, e isso complica as coisas.

Quais são suas referências?

Recentemente, ando ouvindo muito, pela influência de bossa, Henri Salvador. Adoro quando é romântico. E também francês se Hardy. Gosto muito quando são músicas que cantam um pouco de força. Neste momento, também ouço muito Benjamin Biolay, Celine Dion, que não é francesa, e Felix, que trabalha na França com um pianista francês chamado Gonzalez.

Eu me sinto muito próxima da bossa, mas não do samba. Fiz uma música especialmente para as cordas de Deodato, que se chama *Voir du pays*, é uma bossa à francesa."

Deodato é um músico brasileiro muito próximo da bossa, mas não do samba. Fiz uma música especialmente para as cordas de Deodato, que se chama *Voir du pays*, é uma bossa à francesa.

Berry cantora

Mantou e Linné. "Descobri que gosto de cantar cantando. Linné, com 24 anos, é uma brasileira para pensar o tempo, conta.

Poesia

As letras não sempre alegres são feitas de momentos vividos pela artista. "A vida é muito dura às vezes, então, é normal que isso esteja nas músicas. Talvez tenha feito para parar e refletir mesmo, esse disco foi para fazer bem a nós, então talvez seja por isso que tenha a música de desparar com a música."

dever e "sentença, e então segredos, coisas não muito legais que estão no ar", diz ela que dá muito a ideia, sem certo balde com letras acompanhadas de cordas e outros instrumentos. "Tudo isso realmente é muito bom, mas sinto muito a falta de um pouco de força. Neste momento, também ouço muito Benjamin Biolay, Celine Dion, que não é francesa, e Felix, que trabalha na França com um pianista francês chamado Gonzalez.

BERRY

Pocket show, hoje, às 19h30, na Fnac (Rua Shopping), com ingresso de R\$ 12. Em 23 de março, às 20h, no Teatro da Caixa Cultural, com ingresso de R\$ 20 e R\$ 12 (total). Classificação indicativa livre.